

José MEDEIROS FERREIRA

ASPECTOS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE AMÍLCAR CABRAL

**- à luz duma entrevista concedida, em Londres, em Outubro
de 1971, à Revista POLEMICA -**

**Simpósio Amílcar Cabral
organizado pelo P.A.I.C.V.
Cidade da Praia, de 17 a 20 de
Janeiro de 1983.**

I - INTRODUÇÃO

É-me extremamente grato, como anti-fascista e anti-colonialista, poder participar neste Simpósio dedicado a Amílcar Cabral. Como dizia Raul Rego, conhecido resistente português, em artigo publicado no "Diário de Notícias" em Lisboa, a 5/12/81, é necessário que a comunidade entre portugueses anti-fascistas e africanos anti-colonialistas, tecida na luta contra a ditadura, apareça à luz do dia em todo o seu esplendor, pois que "As horas de luta passaram, as cicatrizes estão no corpo de alguns e nas almas e no coração de tantos outros. A luta foi a mesma. Uma comunidade é sempre a cooperação fraterna de homens e povos livres."

Fui um dos portugueses que teve a rara oportunidade e o privilégio de ter conhecido pessoalmente Amílcar Cabral durante o penoso processo da guerra colonial. Foi na Inglaterra, em fins de Outubro de 1971, durante uma campanha diplomática a favor da independência da Guiné e de Cabo Verde.

Como português e como socialista, conforme afirmei na altura, não tive qualquer dúvida em dar testemunho da existência de uma corrente de opinião democrática em Portugal, favorável à tese da independência das colónias, pelo pronto fim da guerra e conseqüente processo negocial. Ainda não passou tanto tempo que se não possa compreender o porquê desse gesto e o rigor que tal posição exigia. Constituiu autêntico imperativo categórico tecer desde aquela época uma cadeia de solidariedade entre os democratas portugueses e os patriotas africanos, pois sem o seu entendimento mútuo não haveria no futuro pleno desenvolvimento das respectivas soberanias nacionais.

Diga-se desde já que os cuidados sobre o que rigorosamente poderia um português levar em apoio aos povos africanos em luta pela sua independência sem diminuir a dignidade do próprio povo ao qual pertencia, foram rapidamente ultrapassados pela alta compreensão humanística e política revelada por Amílcar Cabral nessa ocasião.

Em qualquer dos dois comícios em que participámos, em Londres e em Manchester, sempre Amílcar Cabral esclareceu não estar em luta com o povo português mas com a expressão colonialista portuguesa em África. E reafirmámos que a ~~ex~~ questão colonial não tinha solução militar e só no plano político haveria capacidade de resolução desse momentoso problema. Infelizmente essa tese só se iria impôr em Lisboa com o advento do 25 de Abril de 1974 e tragicamente, para a África como para o Portugal democrático, Amílcar Cabral havia sido entretanto assassinado. A guerra colonial e o desaparecimento de Amílcar Cabral foram dois grandes obstáculos para um relacionamento privilegiado entre os novos Estados africanos e Portugal. Só agora estamos em condições de realmente os ultrapassar na medida do possível.

II - ASPECTOS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE AMÍLCAR CABRAL

Amílcar Cabral não era só um distinto dirigente de um Movimento de Libertação, era ainda um profundo e original pensador político. Pode-se mesmo afirmar que se deve a Amílcar Cabral a melhor produção de pensamento político em língua portuguesa na década de 60 e inícios da de 70.

Conhecedores dessas características, aproveitámos o ensejo do nosso encontro em Inglaterra para o entrevistar em colaboração com outros anti-fascistas portugueses, para as revistas ANTI-COLONIALISMO e POLEMICA.

A revista POLEMICA publicou na íntegra essa entrevista gravada, no seu nº 3, datado de Dezembro de 1971 (pp.75-84). Revista clandestina, é muito provável que esse depoimento de Amílcar Cabral tenha tido então escassa divulgação. Por isso e por ser a melhor homenagem que posso prestar ao espírito de Amílcar Cabral, vou transcrever e comentar para este Simpósio elementos do seu pensamento expressos nessa entrevista.

A. O papel do Partido na construção do Estado e na libertação da sociedade

Fizémos a pergunta : "Como caracteriza a etapa actual da revolução social nos territórios libertados da Guiné ? Como está a ser feita a estruturação política-económica-social das zonas libertadas ? Que papel desempenha o vosso Partido na administração destas zonas ?"

Amílcar Cabral começou por acentuar :

"Nós na nossa terra não gostamos de falar em revolução, nesses grandes termos ; fazemos o nosso trabalho, mas queremos é que a luta de libertação nacional é em si mesma uma revolução social, porque ela implica como consequencia fundamental uma mudança radical num sistema económico em vigencia no país em consideração. Nós pretendemos é acabar na nossa terra com a dominação colonial portuguesa; isso quer dizer : Pretendemos libertar as forças produtivas, humanas e materiais da nossa terra, no sentido de elas se poderem desenvolver livremente de acordo com as condições históricas que a senta

está vivendo hoje em dia."

Pode-se notar aqui uma certa distancia crítica respeitante ao léxico da esquerda e extrema esquerda, sempre prontas a nominalizar as categorias da acção política. Fundamentalmente, Amílcar Cabral reagiu à expressão "revolução social" que era também utilizada pelo General Spínola na sua propaganda. E Amílcar Cabral não deixou de lançar um interessante desafio em 1971 :

"Claro que nós achamos que isso tem imensa piada, e gostaríamos de ver o General Spínola e os outros chefes colonialistas fazerem uma revolução social em Portugal, ou, pelo menos, falarem de uma revolução social em Portugal. Mas sabem certamente que a nova P.I.D.E. que se chama D.G.S. metêfos-ia a todos na cadeia."

E, de facto, o Movimento das Forças Armadas teve mesmo que liquidar logo no início da Revolução de 25 de Abril a polícia política que sustentava a ditadura como condição prévia à execução do seu Programa sintetizado nos três "Ds" : Descolonizar, Democratizar e Desenvolver.

A seguir, e dentro do contexto da mesma resposta, Amílcar Cabral aborda a questão das relações entre luta armada e acção política em termos que não oferecem dúvidas sobre a subordinação do plano militar ao plano político :

"Como sabem, nós desde o começo da luta ou pelo menos um ano depois de começar a luta armada, decidimos, não Congresso feito no interior do nosso país, separar nitidamente a acção política da acção armada, embora no topo essas duas acções sejam ligadas. Nessa base, começámos todo um trabalho de transformação da vida da nossa gente nas áreas libertadas,

quer seja reforçando a organização política, dia a dia, quer seja criando novos instrumentos que conduzam à soberania do nosso povo (...) Nós sabemos que não podemos fazer milagres, sobretudo quando estamos fazendo face a uma guerra que tem o carácter de genocídio ; mas estamos estruturando todos os meios necessários para evitar que amanhã o nosso povo possa ser submetido, seja por estrangeiros seja por nacionais, a um novo tipo de exploração."

Esta problemática da organização social e administrativa das áreas controladas pelo movimento de libertação do qual era dirigente máximo chamou naturalmente uma reflexão sobre o papel do P.A.I.G.C. em tal conjuntura :

"Nós temos como princípio o seguinte : o Partido é um instrumento político que o nosso povo criou para dirigir não só a luta de libertação, mas a sua vida no sentido do progresso. (...) Nós entendemos que, seja na fase presente da vida do nosso povo, seja amanhã, o nosso Partido deve ter um papel fundamental de instrumento que estuda e toma as decisões relativas aos problemas do desenvolvimento da vida do nosso povo. O Partido deve ter uma acção fundamentalmente política, de orientação, enquanto passo a passo vamos criando os instrumentos necessários para a execução da solução dos nossos problemas.

Clare que, na primeira fase da luta, havia uma grande, não digo confusão, mas interpenetração dos diversos aspectos da nossa vida. A luta guerrilheira, o trabalho político e os primeiros actos no sentido de uma reconstrução nacional, estava tudo na mão do Partido. Passo a passo temos vindo a proceder à separação desses diversos aspectos; e hoje podemos já dizer, embora ainda haja nos comités do Partido ele-

mentos que são responsáveis pela actividade social e cultural e também por certas acções de carácter administrativo, que estamos separando, pouco a pouco, a administração da vida mesmo do Partido como separámos desde o início a actividade militar da actividade quotidiana do Partido.

Consideramos as nossas Forças armadas como instrumento do Partido para a luta armada e é essa também a nossa orientação no quadro da nossa vida nas regiões libertadas; mas é princípio fundamental que sejam quais forem as separações das diversas actividades da nossa vida, que o orientador, a força que desempenha o papel fundamental, é e tem de ser o nosso Partido."

B. Luta de Classes e Movimentos de Libertação

Analisado assim o papel do Partido quanto à luta armada e quanto ao aparelho administrativo, uma outra pergunta foi colocada a Amílcar Cabral, esta referente à questão do papel da luta de classes no contexto dos movimentos de libertação africanos. Tendo recordado que, em 1964, Amílcar Cabral declarara que mais do que a luta de classes era o Estado colonial que dirigia a História nesses territórios, perguntámos o que se devia entender exactamente por essa afirmação e quais seriam as consequências políticas de tal postulado. A resposta de Amílcar Cabral introduziu vários elementos inovadores nesta problemática :

"Essa afirmação é o resultado duma constatação da nossa realidade. Nós não ignoramos que no quadro do processo histórico do nosso povo, surgiu também o fenómeno classe, mais ou menos bem definido, mais ou menos evoluído. (...) Entretanto sabemos que a dominação colonial na nossa terra—

- Como nas outras, mas falamos especialmente no nosso caso -
 cria uma situação idêntica para todos os nacionais e quando
 se processa a contestação da dominação colonial, não é uma
 classe que a faz, embora a ideia parta de uma classe que te-
 nha realizado mais rapidamente ou mais cedo o facto da domi-
 nação colonial e da necessidade de a combater. Mas essa cons-
 tatação não parte de uma classe como tal mas sim de toda uma
 sociedade agindo como uma nação-classe que a leva a cabo.
 Essa nação-classe, que pode estar melhor ou pior definida,
 é dominada (...) pela classe dirigente do país colonialista.
 Esta é a nossa posição em relação a ~~isso~~^{este problema}, e portanto a nos-
 sa luta é fundamentalmente baseada não na luta de classes
 mas na luta da nossa nação-classe contra a classe dirigente
 colonialista portuguesa."

E logo o Secretário Geral do P.A.I.G.C. parte para um dos temas que mais interessava aos militantes anti-fascistas e anti-colonialistas portugueses :

"E é aí que se encontra exactamente a união entre a
 nossa luta e a luta do povo português para a transformação
 social, económica e cultural da sua vida; porque o povo por-
 tuguês também se bate, utilizando formas que são cada dia
 mais desenvolvidas, contra a mesma classe dirigente."

Não se fica por aí o pensamento de Amílcar Cabral sobre as relações entre classes e nação no contexto africano. O filósofo político aponta as consequências :

"As consequências disso naturalmente são : em primeiro
 lugar, através da luta estamos forjando a nossa Nação Africana,
 que, como sabem, não estava bem definida, com todos os pro-
 blemas de grupos étnicos, com todas as divisões criadas pelo

próprio colonialista, por exemplo, indígenas e assimilados, gente das cidades e gente do campo, etc. Estamos forjando a nossa Nação Africana que é cada dia mais consciente de si mesma, mas ao mesmo tempo temos que estar vigilantes em relação ao desenvolvimento do fenómeno classe no seio da nova Nação; entretanto, a luta dá-nos uma experiencia baseada exactamente nesse postulado, pelo qual não só reforçaremos cada dia mais a nossa unidade política e moral como Nação, mas também reforçaremos a nossa vigilancia para evitar que o problema da luta de classes venha a tomar um aspecto que possa ser prejudicial ao progresso do nosso próprio povo. Isto é o que posso dizer, em breve, sobre esse problema muito complexo e muito vasto."

C - Colonialismo e Imperialismo ; Luta Anti-Colonialista e Luta Anti-Fascista

Além do papel da luta de classes no desenvolvimento da luta de libertação, uma outra questão sobre o imperialismo em África foi colocada a Amílcar Cabral. A sua resposta foi das mais sugestivas e ricas da entrevista :

"Sabe, o imperialismo é uma coisa muito teimosa ! Eu queria esclarecer o seguinte : no nosso ponto de vista, o imperialismo permanece nos países imperialistas, tentando fazer permanecer nas nossas terras, na África em geral, a dominação imperialista. Como sabe, o imperialismo é o resultado de um processo de evolução ou de transformação do próprio capitalismo nos países capitalistas e que levou à tentativa de dominação e ao sucesso na dominação de outros povos (...). Reconhecemos, de facto, que há ainda muita dominação imperialista em África, mas os povos estão acordando

cada dia mais, e a estrutura social está sofrendo transformações que vão exigir transformações políticas também. É nessa base que nós devemos desenvolver a nossa luta confiantes de que a História nunca marcha para trás."

Para finalizar, interessa sobremaneira analisar a posição de Amílcar Cabral no respeitante às relações entre a luta anti-fascista e a luta anti-colonialista e ainda quanto ao futuro das relações entre o povo português e os povos africanos :

"Nós nunca confundimos colonialismo português com povo de Portugal" e temos feito tudo, na medida das nossas possibilidades, para preservar, apesar dos crimes cometidos pelos colonialistas portugueses, as possibilidades duma cooperação, duma amizade, duma solidariedade e duma colaboração eficaz com o povo de Portugal, numa base de independência, de igualdade de direitos e de reciprocidade de vantagens, seja para o progresso da nossa terra, seja para o progresso do povo português."

Amílcar Cabral não deixa de salientar a importância que terá para o futuro das relações entre Portugal e os povos africanos a implantação de um regime democrático em Lisboa :

"A nossa luta é contra o colonialismo português. Nós somos povos africanos, ou um povo africano, lutando contra o colonialismo português, contra a dominação colonial portuguesa, mas não deixamos de ver a ligação que existe entre a luta anti-fascista e a luta anti-colonialista. Nós estamos absolutamente convencidos de que se em Portugal se instalasse amanhã um governo que não fosse fascista, mas fosse democrático, progressista, reconhecedor do direito dos povos à auto-determinação e à independência, a nossa luta não teria

razão de ser. Af está a ligação íntima que pode existir entre a nossa luta e a luta anti-fascista em Portugal; mas também estamos absolutamente convencidos de que na medida em que os povos das colónias portuguesas avancem com a sua luta e se libertem totalmente da dominação colonial portuguesa estarão contribuindo duma maneira muito eficaz para a liquidação do regime fascista em Portugal."

Sempre rigoroso, Amílcar Cabral, após haver indicado a dialéctica dos factores que ligavam historicamente as lutas anti-fascista e anti-colonialista, traça o quadro exacto dos limites essenciais dessa intimidade :

"Nós queremos entretanto exprimir o seguinte : nós não confundimos a nossa luta, na nossa terra, com a luta do povo português ; estão ligadas, mas nós, no interesse do nosso povo, combatemos contra o colonialismo português. Liquidar o fascismo em Portugal, se ele não se liquidar pela liquidação do colonialismo, isso é função dos próprios portugueses patriotas."

Este trecho é singularmente exacto na caracterização da natureza da solidariedade entre as duas distintas lutas que se travavam então contra a ditadura em Portugal. Dentro dessa perspectiva de complementaridade e distinção, afirmámos, nos comícios em Londres e em Manchester, que a História tinha demonstrado que os regimes europeus compreendidos dentro da família dos fascismos só tinham sido derrubados pela conjugação dos efeitos de lutas internas e externas. Foi assim que caíram os regimes fascistas na Itália, na Áustria, na Hungria, na Roménia e o regime nazi na Alemanha. O regime português tinha sobrevivido às consequências da vitória dos Aliados na II Guerra Mundial e só com o aparecimento dos movimentos de libertação nas colónias africanas voltara a correr perigo,

linhas assimiladoras do marxismo com a experiência concreta pois as contradições internas da sociedade portuguesa tomaram outra expressão política perante a manifesta incapacidade do regime salazarista em definir uma estratégia que conduzisse à independência das colónias. É certo é ter o desenvolvimento dessas contradições no interior da sociedade portuguesa cristalizado à volta do problema colonial, até ao aparecimento do movimento libertador do 25 de Abril cujo Programa era bem claro nas metas a atingir prioritariamente: Descolonizar e Democratizar. Como diria Amílcar Cabral na entrevista que transcrevemos: "Liquidar o fascismo em Portugal isso é função dos próprios portugueses patriotas."

Como se pode constatar, Amílcar Cabral, se bem que

III - CONCLUSÃO

Como se nota pelos trechos transcritos, esta entrevista de Amílcar Cabral, dada em Londres a 27 de Outubro de 1971, toca em muitos dos pontos propostos para discussão neste Simpósio. Assim, existem referências ao Partido na organização da luta de libertação nacional; à dimensão cultural na estratégia de libertação nacional; à integração do movimento de libertação nacional no campo político internacional, etc.

Certos temas foram tratados por Amílcar Cabral por sugestão dos entrevistadores: é o caso das relações dialécticas entre a luta anti-colonialista em África e a luta anti-fascista em Portugal, assim como o tópico das relações futuras entre os novos Estados Africanos e o Portugal democrático. Além dessa nossa preocupação histórica, este entrevista distingue-se pela análise que Amílcar Cabral faz do papel da luta de classes no acesso à independência dos povos africanos e na organização futura das novas sociedades, numa

linha assimiladora do marxismo com a experiencia concreta das realidades africanas com as quais se defrontava, numa tentativa reflectida de ultrapassar certos esquemas livresb^os ou até incorrectos; pelas funções que pretende ver atribuidas ao Partido na construção do Estado e da nova sociedade, numa concepção dialéctica balanceada entre o papel coordenador do Partido e a multiplicação e reprodução de corpos administrativos e sociais intermédios e autónomos indispensáveis para organizar o desenvolvimento da sociedade; pela distinção operada entre países imperialistas e dominação imperialista em África, para melhor situação da luta contra as formas imperialistas no mundo.

Como se pode constatar, Amílcar Cabral, se bem que dirigente activo de um movimento de libertação mergulhado em plena luta armada, consegue manter uma grande capacidade de estudo e análise no campo prático da teoria política, consagrando-se mesmo, no nosso entender, como o pensador político mais original que se exprimiu em língua portuguesa no decorrer da década de 60. Nitidamente que para o secretário geral do P.A.I.G.C., as soluções políticas decorriam de um estudo prévio e experimental da realidade envolvente.

A entrevista que recolhemos e que aqui analisamos e reproduzimos em parte é mais um complemento para comprovar tal asserção. Também nela Amílcar Cabral prefere desbravar novas noções e defender soluções originais, como se pretendesse sobretudo escapar ao dogmatismo teórico que conduz normalmente à esterilidade da acção política. Essas características foram mantidas por Amílcar Cabral até durante uma entrevista oral feita em pleno desenvolvimento da sua acção diplomática em defesa do direito à aut--determinação e à

independencia como a que concedeu às revistas "Anti-Colonialismo" e "Polémica".

Para todos os homens políticos que sabem não haver acção transformadora que não assente numa base teórica vasta e diversificada, Amílcar Cabral é um exemplo nesse domínio. De facto, sem experiencia não há consciencia teórica e sem consciencia teórica não há experiencia que permite ir além de um estreito empirismo. Ou, para terminar com palavras do próprio Amílcar Cabral, citemos este extracto de "Arma da Teoria" : "Se é verdade que uma revolução pode falhar mesmo alimentada por teorias perfeitamente concebidas, ainda ninguém realizou uma revolução vitoriosa sem teoria revolucionária."

José Medeiros Ferreira

(Janeiro de 1983)

